

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Instituto de Ciências Humanas

Curso de Bacharelado em Museologia



Monografia

**Entre fichas, livros e registros: os caminhos
percorridos pela Documentação Museológica no
Museu Municipal Parque da Baronesa
(1982 a 2010).**

Giovana Garcia Marcon

Pelotas, 2010.

GIOVANA GARCIA MARCON

**Entre fichas, livros e registros: os caminhos
percorridos pela Documentação Museológica no
Museu Municipal Parque da Baronesa
(1982 a 2010).**

Trabalho monográfico apresentado ao Curso
de Bacharelado em Museologia da
Universidade Federal de Pelotas, como
requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Museologia

Orientadora: Prof^ª. Ms. Noris Mara Pacheco Martins Leal

Pelotas, 2010.

Banca examinadora:

Prof^ª. MS^a. Nórís Mara Pacheco Martins Leal (orientadora)

Prof^ª. Dr^a. Carla Rodrigues Gastaud

Pelotas, 2010

Dedico este trabalho à memória de meu avô Edy Castanheira, que com sua alegria e disposição características, sempre incentivou os netos a seguirem seus sonhos.

Agradecimentos

Agradeço a Deus que sempre se mostrou presente em minha vida e me deu forças para não desistir diante das barreiras.

A minha família que me deu sempre todo amor e apoio e que compartilhou comigo os momentos de tristezas e também de alegrias desta caminhada. Aos meus pais Anor e Cleusa, pela compreensão, paciência e incentivo. Por terem me preparado para chegar até aqui e me fazer ter confiança de que posso seguir adiante. Aos meus irmãos Fabrício e Ticiane, com quem pude contar sempre, fator indispensável que me ajudou a persistir. A minha avó Águeda que sempre me apoiou e acreditou que todo o esforço teria um final feliz.

Ao meu namorado Juliano, pelo companheirismo e compreensão dos momentos dedicados a este trabalho, que mesmo sem saber, estava sempre me ajudando tornando meus dias mais leves.

Agradeço aos professores do curso de Bacharelado em Museologia pelo conhecimento, dedicação e entusiasmo demonstrado nas aulas. À minha orientadora Prof^a MS^a Noris Leal, pelo auxílio sobre o andamento desta monografia. Muito obrigada à Angelita, secretária executiva do Curso de Museologia, pelo carinho com que me recebeu todos os dias destes quatro anos de curso.

Aos colegas e amigos de sala que, durante estes anos, fizeram parte da minha vida, proporcionando momentos divertidos, dos quais sentirei saudades. Pelas conversas que muito me ajudaram neste trabalho e pelo incentivo, muito obrigada.

A todos os funcionários e ex-funcionários do Museu Municipal Parque da Baronesa. Agradeço pela oportunidade de fazer parte dessa família, onde pude colocar em prática as teorias aprendidas nas aulas, em especial à diretora Annelise Montone, pela dedicação, entusiasmo e carinho que tem pelo Museu, fonte de inspiração.

A todas as pessoas do meu convívio que, mesmo que indiretamente, me ajudaram a chegar até aqui, muito obrigada.

“Aquilo que escuto, eu esqueço.
Aquilo que vejo, eu lembro.
Aquilo que faço, eu aprendo.”

Confúcio

Resumo

MARCON, Giovana Garcia. **“Entre fichas, livros e registros: os caminhos percorridos pela Documentação Museológica no Museu Municipal Parque da Baronesa (1982 a 2010).”** 2010. 57f. Monografia, Bacharelado em Museologia, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, RS.

O presente trabalho pretende analisar os diferentes sistemas de documentação utilizados para o registro dos objetos que compõem o acervo do Museu Municipal Parque da Baronesa, desde a sua fundação, em 1982, até os dias atuais. Para isso, foi realizado um levantamento histórico de todas as formas de sistemas, detendo-se, mais profundamente, no último que foi implantado, a partir do “Projeto de Qualificação da Documentação Museológica e Revitalização da Reserva Técnica”, aprovado pelo edital “CAIXA Adoção de Entidades Culturais”, em 2006.

Palavras-chave:

Documentação Museológica, Museu Municipal Parque da Baronesa, métodos de documentação.

Abstract

MARCON, Giovana Garcia. **“Entre fichas, livros e registros: os caminhos percorridos pela Documentação Museológica no Museu Municipal Parque da Baronesa (1982 a 2010).”** 2010. 57f. Monografia, Bacharelado em Museologia, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, RS.

This study aims to examine the different systems of documentation used to register the object that compose the collection of the Museu Municipal Barque da Baronesa, since its founding in 1982 until nowadays. for this, we conducted a historical survey of all the past register systems. concentrating on the last one, which was implanted from the "Projeto de Qualificação da Documentação Museológica e Revitalização da Reserva Técnica", approved by the edict "CAIXA Adoção de Entidades Culturais" in 2006.

Key words:

Museological Documentation, Museu Municipal Parque da Baronesa, documentation methods.

Lista de Figuras

Figura 1: Prédio do Museu da Baronesa.....	15
Figura 2: Vista do Parque da Baronesa....	18
Figura 3: Detalhe do levantamento de 1984.....	27
Figura 4: Página do Livro Tombo N°1	29
Figura 5: Detalhe da página anexada no interior do Livro Tombo N°2.....	30
Figura 6: Livro Tonbo N° 4.....	32
Figura 7: Detalhe do Livro Tombo N° 4.	33
Figura 8: Ficha catalográfica	35
Figura 9: Frente e verso da ficha catalográfica sem preenchimento.	36
Figura 10: Imagem ilustrativa do Livro de Inventário I	40
Figura 11: Detalhe dos campos do Livro de Inventário I	40
Figura 12: Ficha catalográfica	42
Figura 13: Detalhe de marcação em fotografia	46
Figura 14: Detalhe de marcação em metal	48
Figura 15: Detalhe de marcação em renda	48

Sumário

Introdução	12
CAPÍTULO 1: O Museu da Baronesa, seu acervo e sua documentação museológica	15
1.1 Histórico de Pelotas.....	15
1.2 Histórico do Museu da Baronesa.....	17
1.3 Os Acervos do Museu da Baronesa e sua Documentação.....	20
CAPÍTULO 2: Análise da Documentação Museológica do Museu da Baronesa.	22
2.1 A Documentação Museológica.....	22
2.2 A Documentação Museológica do Museu da Baronesa de 1982 a 2005	25
2.2.1 Levantamentos.....	25
2.2.2 Livros de Inventário	28
2.2.3 Números de Registro e marcação dos objetos.....	34
2.2.4 Fichas catalográficas	35
2.3 O Projeto de Qualificação da Documentação Museológica e Revitalização da Reserva Técnica 2006 a 2007.....	37
2.3.1 Livro de Inventário I de 2007	38
2.3.2 Ficha catalográfica	40
2.3.3 Número de Registro e marcação dos objetos	44
2.3.4 Banco de dados digital.....	46
2.4 Fase Pós Projeto de 2008 a 2010.....	47
Considerações Finais	50

Anexo 1	52
Fontes Primárias.....	54
Referências Bibliográficas	55

Introdução

Esta pesquisa tem como objeto a análise das mudanças na documentação museológica, referente ao Museu Municipal Parque da Baronesa, enfocando as diferentes metodologias e técnicas documentais, adotadas pelo mesmo, desde 1982 até 2010. Para desenvolver este trabalho, foi utilizado cadernos de campo de funcionários e estagiários do Museu, relatos orais de funcionários da instituição e documentos relativos aos objetos de seu acervo.

O conceito de documentação de acervos museológicos, utilizado nesta monografia, é firmado por Helena Ferrez (1994) quando diz que é o conjunto de dados sobre cada um dos objetos, tanto por meio da escrita quanto por meio de registros fotográficos, sendo um sistema de informações que transforma o acervo do museu de fontes de informações em fontes de pesquisa, possibilitando assim a geração de conhecimento. Em outras palavras, é um conjunto de técnicas indispensáveis usadas para armazenar e organizar dados informacionais sobre os objetos pertencentes à coleção de um museu, para que as informações se tornem acessíveis.

A instituição pesquisada foi o Museu Municipal Parque da Baronesa, que se localiza em Pelotas, na Avenida Domingos de Almeida, nº 1490, que, com sua arquitetura e acervo, procura representar a forma de vida de pessoas abastadas, que viviam em Pelotas¹, no final do século XIX e início do XX², que, segundo Magalhães (1993), foi o período do auge econômico desta cidade devido à indústria de charque ali existente.

Pensando nos seus 28 anos de funcionamento e nos 2614³ objetos tombados, a proposta deste estudo é fazer uma análise dos métodos utilizados nos diferentes sistemas de documentação para registro de seu acervo, desde sua fundação, em 1982, até os dias atuais. Será realizada, também, uma comparação entre os métodos de documentação anterior e ao que hoje é empregado, o qual foi implantado desde 2006, com a aprovação do Projeto da Documentação Museológica e Revitalização da Reserva Técnica, patrocinado por meio do Programa Caixa de Adoção de Entidades Culturais, enfatizando a importância da boa organização da documentação do acervo, para que se preserve a história e se transmita informações.

¹ Freguesia de São Francisco de Paula (1812), Vila de São Francisco de Paula (1830) e Cidade de Pelotas (1835).

² Fonte: Documentos administrativos do Museu da Baronesa

³ Fonte: Documentos administrativos do Museu da Baronesa.

A escolha deste tema para a pesquisa aconteceu pelo fato de que, a partir de 2006, ocorreram mudanças nos sistemas de documentação existentes até então, mudanças essas que têm proporcionado um avanço nos procedimentos técnicos documentais da instituição como, por exemplo, o novo livro de inventário⁴, novo sistema de numeração, catalogação e digitalização importantes para serem pesquisadas e registradas. Por trabalhar no Museu da Baronesa ao longo de 10 meses de estágio voluntário e dois anos de estágio remunerado pela prefeitura, obtive contato direto com a instituição e seu acervo, trabalhando principalmente com a documentação, tema desta monografia, o que proporcionou importante experiência para o desenvolvimento da mesma.

Esta monografia se justifica devido à escassez de literatura sobre o assunto. Alguns autores como Fernanda Camargo Moro e Fausto Henrique dos Santos escreveram sobre o tema. Este trabalho vem, pela primeira vez, analisar os processos documentais utilizados em uma instituição museológica da cidade de Pelotas, bem como faz um levantamento sobre a história da documentação museal do Museu Municipal Parque da Baronesa.

A eficaz documentação museológica é uma das exigências do Estatuto Brasileiro dos Museus, criado em janeiro de 2009, através de lei N° 11.906, sancionada pelo Governo Federal, que tem o objetivo de normatizar o setor museológico do país. Este estatuto apresenta itens específicos sobre a documentação museal, como os Artigos⁵ 39 e 40, aos quais as instituições possuem um prazo de quatro anos para adaptação.

Devido à importância da documentação museológica no Estatuto de museus, teve-se, por objetivo geral da pesquisa, elaborar um diagnóstico dos conjuntos documentais, considerando as mudanças das metodologias de sistematização e documentação empregadas pela instituição com o decorrer dos anos, desde a sua abertura. Em relação aos objetivos específicos, pretendeu-se identificar e analisar as fontes documentais do Museu Municipal

⁴ Documento onde são registrados todos os objetos que compõe o acervo do museu.

⁵ Subseção IV

Dos Acervos dos Museus

Art. 39. É obrigação dos museus manter documentação sistematicamente atualizada sobre os bens culturais que integram seus acervos, na forma de registros e inventários.

§ 1º O registro e o inventário dos bens culturais dos museus devem estruturar-se de forma a assegurar a compatibilização com o inventário nacional dos bens culturais.

§ 2º Os bens inventariados ou registrados gozam de proteção com vistas em evitar o seu perecimento ou degradação, a promover sua preservação e segurança e a divulgar a respectiva existência.

Art. 40. Os inventários museológicos e outros registros que identifiquem bens culturais, elaborados por museus públicos e privados, são considerados patrimônio arquivístico de interesse nacional e devem ser conservados nas respectivas instalações dos museus, de modo a evitar destruição, perda ou deterioração.

Parque da Baronesa e contribuir para produção de conhecimento na área de gestão de documentação museológica, no que se refere aos processos dos métodos e técnicas usadas.

Para tanto foi pesquisada a literatura referente ao tema, as fontes primárias documentais existentes no Museu, como inventários, livros de registro, fichas catalográficas e outros documentos museológicos da instituição, documentos estes que serão abordados, mais detalhadamente, no decorrer do segundo capítulo desta monografia, e entrevistas temáticas de caráter aberto, com pessoas relacionadas ao tema como, ex-funcionários do Museu e assessora técnica do projeto em questão.

O trabalho foi estruturado em dois capítulos. O primeiro apresenta um breve relato sobre a cidade de Pelotas, define o que é museu, segundo o Estatuto dos Museus e apresenta a instituição, alvo desta análise, seguido de um breve traçado do histórico da implementação da documentação museológica no Museu. O segundo aborda a questão do conceito de documentação museal, o que a compõe, e são discutidas as metodologias utilizadas no Museu da Baronesa a partir de 1982, ano de sua fundação.

CAPÍTULO 1: O MUSEU DA BARONESA, SEU ACERVO E SUA DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA.



Figura 1: Prédio do Museu da Baronesa. Foto: Fabrício Marcon

Neste capítulo, apresenta-se um breve contexto histórico do Museu Municipal parque da Baronesa, trazendo presente o apogeu econômico em que a cidade de Pelotas vivenciava neste período. Em seguida, será apresentada a documentação museológica utilizada na instituição e as mudanças ocorridas em sua trajetória.

1.1 – Histórico de Pelotas

De acordo com o historiador Mário Osório Magalhães (1993), o charque de Pelotas era o principal alimento dos escravos brasileiros e foi introduzido neste território por José Pinto Martins, um retirante português, vindo do Ceará, que se estabeleceu na região em 1779. A partir deste momento, a economia da cidade começa a desenvolver-se com o surgimento das charqueadas, empresas de exportação onde se transformava o gado em charque, produto

comercializado em todo o Brasil. Como era uma produção sazonal⁶, os charqueadores aproveitavam o período de entre safra para usufruir de suas riquezas com festas, teatro e cultura.

A partir de 1860, Pelotas, passa a ter melhores condições econômicas, urbanas e sociais ao mesmo tempo (MAGALHÃES, 1993). O desenvolvimento econômico decorrente do charque também se realizou no setor urbano, e este, foi responsável pelo progresso social e cultural. Como os grandes centros urbanos da época, a cidade buscava referências na Europa, existindo, neste momento, certa ostentação e refinamento no trajar, nas moradias e na própria cultura da elite. Nessa época, alguns viajantes estrangeiros que estiveram na região, como o alemão Carl Seidler, deixaram registrada a boa impressão que tiveram da freguesia, principalmente pelos bonitos arredores, pela riqueza dos seus habitantes, cultura e gosto pela vida social (MAGALHÃES, 2000).

A influência européia foi grande durante este período na cidade de Pelotas (PETER, s/d) A arquitetura da cidade mantinha analogias com a arquitetura clássica, como por exemplo, nos edifícios públicos e residências particulares, através de adornos e introdução de elementos da antiguidade como pilastras, colunas e frontões.

É dessa época a casa, onde hoje está instalado o Museu da Baronesa, com construção arquitetônica de linhagem neoclássica, trazida pela Missão Francesa⁷, com mirante, platibanda adornada com estátuas, seu extenso parque e seu significativo acervo sobre os costumes do final do século XIX e início do século XX, mostrando a forma de vida de uma elite que desenvolveu hábitos particulares neste período marcante para a cidade de Pelotas.

1.2 – Histórico do Museu da Baronesa

⁶ A safra de trabalho do charque durava de novembro a abril. Fonte: MIORIN, V. M. F, BARÉA, Neiva Marli Martins dos Santos. *O valor das regiões rurais da metade sul do Rio Grande do Sul, Brasil*. UFSM, 2009.

⁷ Equipe de artistas franceses vindos para o Brasil a mando de Dom João VI com a função de organizar um sistema de ensino das Belas Artes e dos Ofícios. Obedeciam ao estilo Neoclássico, um estilo artístico que propunha a volta dos padrões da arte clássica da Antiguidade. BITTENCOURT. Gean Maria. *A missão francesa de 1816*. Museu de Armas Ferreira da Cunha. Petrópolis, 1967.

O Museu Municipal Parque da Baronesa, também conhecido como o “Solar da Baronesa”, fica situado na zona leste de Pelotas, na Avenida. Domingos José de Almeida n.º 1490, no interior de um parque público no Bairro Areal. De acordo com documentos existentes nos arquivos do Museu, o terreno do Parque da Baronesa foi adquirido, em 1863, pelo Cel. Annibal Antunes Maciel, para presentear seu filho, Annibal Antunes Maciel, o futuro Barão de Três Serros, por ocasião de seu casamento com Amélia Hartley de Brito, a futura Baronesa de Três Serros, que ocorreu no ano de 1864. Ela era filha de ingleses, sócios do Banco de Londres no Rio de Janeiro. O Barão era pecuarista e recebeu seu título do Imperador Dom Pedro II, por ter participado do ato que emancipou os escravos de Pelotas em 1884, quatro anos antes da abolição da escravatura.

O prédio, de 840m², foi tombado⁸ como patrimônio histórico municipal pelo COMPHIC (Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural) em 04 de julho de 1985, três anos após a abertura do Museu. Ele possui vinte e cinco peças (incluindo reserva técnica e escritório) e mais duas áreas externas (algibe e alpendre), sessenta e uma janelas e nove portas para o exterior. Seu estilo é neoclássico colonial, visando resgatar elementos da antiguidade, como as estatuetas greco-romanas que se encontram no alto da fachada da casa.

No pátio interno da habitação existe um algibe que servia para recolher a água da chuva usada pelos moradores, pois não havia água encanada. Conforme consta em documentos dos arquivos do Museu, em 1913 a casa sofreu uma reforma, na qual azulejos vindos da Europa foram acrescentados no interior de algumas peças. Estas transformações foram promovidas pela família Antunes Maciel. No parque, que possui área de sete hectares, além do prédio do museu, existe um sobrado, construído na década de 1920, para residência de um dos netos da Baronesa; uma casa de banho, uma gruta, a qual era revestida de pedras de quartzo; um pequeno castelo utilizado como coelheira por um período; um jardim francês, um chafariz; canais de drenagem e uma pequena ilha com uma ponte; dois lagos artificiais e grande área verde.

Aníbal e Amélia tiveram quatorze filhos, dos quais seis morreram muito jovens. A família costumava ir para o Rio de Janeiro no inverno (de abril a outubro) e permanecer em

⁸ O tombamento é um ato administrativo realizado pelo Poder Público com o objetivo de preservar, por intermédio da aplicação de legislação específica, bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população, impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados. Fonte: *Tombamento e Participação Popular*. Segunda edição, São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura/Departamento do Patrimônio Histórico, 2001

Pelotas no verão (de novembro a maio). Com a morte do Barão, em 1887, e a transferência da Baronesa para o Rio de Janeiro em 1889, uma das filhas do casal, Amélia Aníbal Hartley Maciel, conhecida como Dona Sinhá, casada com seu primo Lourival Antunes Maciel, continuou habitando o Solar. O casal teve treze filhos, dos quais sete chegaram à vida adulta.

Uma das últimas moradoras da “Chácara” como era chamada a casa, foi Déa Antunes Maciel, filha de Dona Sinhá, que não se casou. Assim como sua mãe e sua avó, costumava ir para o Rio de Janeiro durante o inverno. Na década de 1970, devido à saúde debilitada, acabou por ficar nessa cidade, vindo apenas esporadicamente a Pelotas. Nessa época, a “Chácara” começou a ficar abandonada, sendo cuidada apenas por caseiros, já que nenhum descendente da Baronesa aqui permaneceu.



Figura 2: Vista do Parque da Baronesa. Foto: Fabrício Marcon

De acordo com entrevista⁹ realizada pela equipe de trabalho do Museu da Baronesa, com o Sr. Oswaldo Antunes Maciel (bisneto dos Barões de Três Serros) após a morte da Déa Antunes Maciel e o abandono parcial da Chácara pela família, veio o interesse em preservar o seu patrimônio. Sr. Oswaldo relata que a família sempre aspirou transformar a propriedade em

⁹ Entrevista realizada em 02/12/2009 e encontra-se disponível para pesquisa no Museu da Baronesa.

um espaço público e, por esse motivo, propuseram à Prefeitura Municipal de Pelotas transformar a casa e o parque, que a circunda, em atração turística aberta ao público. Porém, apenas no ano de 1978, a situação é resolvida, quando a família passa à administração municipal a casa, o parque, bem como todos os móveis nela existentes, através de convênio firmado com esse órgão público.

A partir daí, a edificação passou por quatro anos de reformas, que foram orientadas pelo artista plástico pelotense Adail Bento Costa, pela arquiteta Marta Amaral e pelos marceneiros Paulo e Florentino Vaz. O Museu foi inaugurado em 25 de abril de 1982, possuindo em seu acervo peças das coleções da família Antunes Maciel, de Adail Bento Costa; a partir de 1988, peças de Lourdes Noronha Coelho Borges e, posteriormente, a incorporação da coleção de Antônia Berchon Sampaio, de acordo com dados retirados do site¹⁰ do Museu:

Doado pela família Antunes Maciel a Pelotas em 1978, através de um convênio firmado com a prefeitura, o prédio passou por quatro anos de reformas, que foram orientadas pelo artista plástico e restaurador pelotense Adail Bento Costa. O museu foi então inaugurado em 25 de abril de 1982, possuindo em seu acervo peças das coleções da família Antunes Maciel, de Adail Bento Costa, doações diversas da comunidade e uma coleção da Sra. Antonia Sampaio.

Desde a doação da Chácara até a estruturação da mesma como uma instituição museológica, houve uma construção do perfil museal ao longo dos anos. Hoje é possível que definamos esta propriedade e toda sua trajetória como um museu, pois, de acordo com o Estatuto dos Museus estes são:

instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

O Museu da Baronesa procura orientar-se por essas definições e, ao longo de sua trajetória, foi incorporando os processos de comunicação, exposição, pesquisa, preservação e documentação dos objetos pertencentes ao seu acervo, pois a base das instituições museológicas é realizar ações voltadas a três áreas distintas que se complementam: comunicação, investigação e preservação. As ações voltadas à comunicação são realizadas por meio das exposições temporárias e de longa duração e atividades de educação patrimonial; já a questão voltada à investigação está voltada para o acervo e as ações que dizem respeito à

¹⁰ Site do museu: www.museudabaronesa.com.br. Acessado em 12/05/2010

preservação incluem a coleta, a aquisição, o acondicionamento e a conservação desses bens.

1.3 – Os Acervos do Museu da Baronesa e sua Documentação

O acervo do Museu Municipal Parque da Baronesa, era composto, primeiramente, por móveis pertencentes à Família Antunes Maciel e peças como leques, algum mobiliário e estátuas sacras doadas por Adail Bento Costa, importante artista plástico, professor, colecionador pelotense que faleceu em 1980 e, com sua morte, toda sua coleção foi doada para Prefeitura de Pelotas, ficando sob guarda do Museu da Baronesa deste então.

Após alguns anos de sua abertura, a sociedade pelotense passou a fazer doações, aumentando o número de peças do acervo. Atualmente, o museu possui 2614 objetos tombados compostos por mobiliários, vestimentas femininas e masculinas, objetos de uso pessoal como chapéus, bolsas, toalhas, lenços e documentos como cartas, postais e fotografias. Este acervo é considerado importante por mostrar os costumes da sociedade pelotense entre 1860 e início do século XX, período em que a cidade gozava do auge econômico, social e cultural.

Hoje, a maior parte¹¹ dos objetos de seu acervo encontra-se acondicionada na reserva técnica, sendo utilizada, periodicamente, para exposições de curta duração que acontecem quatro vezes ao ano, em períodos específicos ou eventos ocasionais como, por exemplo, na Semana de Museus, que ocorre no mês de maio, Fenadoce¹², Dia das Crianças, aniversário do Museu, ou para apresentar e dar visibilidade a algum trabalho ou projeto finalizado, por exemplo, a recente exposição¹³ dos leques da coleção Adail Bento Costa, que foram restaurados no final de 2009 e início de 2010, através da execução do Projeto de restauro aprovado pelo PRONAC (Programa Nacional de Apoio a Cultura), intitulado “Projeto de Restauração de Peças do Acervo do Museu da Baronesa” dirigido e executado pela Professora Restauradora Andréa Bachetini, juntamente com a Restauradora Naida Maria Vieira Correia.

Os objetos tridimensionais: armários, guarda-roupas, penteadeiras, camas, mesas, cadeiras, poltronas, entre outros, encontram-se em exposição permanente, devido às suas grandes dimensões, o que impossibilita o acondicionamento do mesmo na reserva técnica,

¹¹ Na reserva técnica, encontram-se armazenados 2311 objetos. Este dado foi retirado do levantamento do acervo do museu, realizado entre outubro e dezembro de 2009.

¹² Feira Internacional do Doce, que acontece geralmente entre os meses de Junho e Julho, no Centro internacional de Eventos, em Pelotas-RS.

¹³ A Exposição foi inaugurada em 17 de maio de 2010 e encerrará em 30 de julho de 2010.

assim como grande parte dos objetos que não são trocados, por exemplo, as vestimentas que estão expostas em manequins da grande vitrine do salão de entrada do Museu.

A partir do ano de 2006, foram adquiridos arquivos deslizantes, que é o mobiliário adequado para armazenar e acondicionar o acervo na reserva técnica, onde há um controle de acesso. Estes arquivos foram adquiridos através do Programa “Caixa de Adoção de Entidades Culturais”, o qual previu além da revitalização da Reserva Técnica, a regulamentação da sua documentação museológica, temática que será mais aprofundada ao longo do segundo capítulo.

Nos primeiros anos da abertura do Museu da Baronesa, não havia uma documentação específica e regular de seu acervo e, durante os anos decorrentes, foram usados diferentes métodos de registro para os objetos existentes e para os novos que vinham sendo incorporados à coleção. Para que estas informações não se percam, foi necessário fazer uma pesquisa em seus documentos, obtendo assim, um levantamento possibilitando um registro dessa história.

CAPÍTULO 2: ANÁLISE DA DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA DO MUSEU DA BARONESA

Neste capítulo, serão discutidos os conceitos de documentação museológica e o que a compõe, e serão analisadas as metodologias utilizadas no Museu da Baronesa, a partir de 1982, ano de sua fundação, até a execução do projeto aprovado pelo programa Caixa Adoção de Entidades Culturais. As metodologias e técnicas, utilizadas durante as etapas do projeto, serão analisadas em um item específico, devido às grandes mudanças ali ocorridas.

2.1 – A Documentação Museológica:

Segundo Cândido (2006), quando um objeto passa a fazer parte de um museu, ele perde a sua função primordial e passa a ser um documento, mas isso só ocorre, quando é interrogado de diversas formas, obtendo-se além das informações intrínsecas (informações obtidas pela simples análise de suas propriedades físicas como forma, cor, textura), informações extrínsecas (informações obtidas através da realização de pesquisas).

Além das informações que chegam com o objeto (doador, data de doação), sua história dentro da instituição é contínua e também deve, sistematicamente, ser documentada como, por exemplo, as exposições das quais fez parte, as intervenções de restauro que sofreu, a mudança do local de armazenagem, os novos conteúdos obtidos por meio de pesquisas sobre o acervo, entre outros. Todos estes dados devem ser agregados à sua trajetória, exigindo uma permanente atualização das informações.

Com isso, considera-se a documentação de acervos museológicos segundo Helena Ferrez:

o conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a preservação e a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informações capaz de transformar as coleções dos museus de fontes de informações em fontes de pesquisa científica ou em instrumento de transmissão de conhecimento. (FERREZ, 1994: 64)

Segundo o conceito de Ferrez, é possível afirmar que a documentação museológica é um dos procedimentos essenciais dentro do museu, pois representa o conjunto de informações

sobre o objeto, sendo um sistema de recuperação de dados sobre o acervo, capaz de convertê-los em fontes de pesquisa científica e geradores de transmissão de conhecimento, ou seja, tem como fim, tornar acessível o conteúdo das fontes de conhecimento, através de técnicas como classificar, ordenar, recuperar e difundir, dando suporte a todas as outras atividades museológicas.

O processo de documentação perpassa desde a entrada do objeto no museu até a exposição. Nele estão contidos os trabalhos de catalogação, inventariação, numeração, classificação, documentação de entrada, saída e movimentação do objeto, organização, disseminação e recuperação da informação. As informações contidas nesses documentos proporcionam, mediante pesquisa, a geração de novos conhecimentos, não servindo apenas como sistema para localizar os itens da coleção, mas como fonte de pesquisa, auxiliando a preparação de exposições e outras atividades do museu. Portanto, conforme Moro (1986), a documentação museológica colabora com a difusão da informação, servindo como instrumento de comunicação entre o item do acervo e o usuário, além de contribuir na preservação e controle das coleções.

Para Helena Dodd Ferrez (1994) um sistema de documentação museológica eficiente deve seguir, em linhas gerais: quanto aos objetivos deve conservar os itens da coleção, maximizar o acesso aos itens e ao uso das informações contidas nos itens. Quanto à função, deve estabelecer contatos efetivos entre as fontes de informações e os usuários e quanto aos seus componentes deve ter documentos de entrada (seleção e aquisição), documentos de organização e controle (registro, número de registro ou identificação, marcação, fichas catalográficas) e saídas (recuperação e disseminação).

Analisando os componentes da documentação, verifica-se que:

Aquisição: é o ato de adquirir acervo para um museu. A aquisição pode ser feita através de coleta de campo, compra, permuta¹⁴, doação e legado¹⁵. Segundo Fausto Henrique dos Santos em seu livro *Metodologia Aplicada em Museus* (2000), um museu não deve se limitar a aceitar passivamente as peças que lhe são oferecidas. A instituição deve aceitar somente peças que tenham a ver com a proposta do museu e, para isso, convém existir uma Política de Aquisição de Acervo com uma Comissão de Acervo, formada por profissionais de

¹⁴ Troca

¹⁵ Objetos que alguém deixa aos museus por meio de testamento.

áreas interdisciplinares que podem tomar a decisão de receber ou não, a doação, após avaliação e parecer técnico referente à mesma.

O documento de aquisição é aquele que contém informações que permitam saber a maneira pela qual o objeto entrou no museu, podendo ser Termo de Doação (no caso de doação), Termo de Comodato (no caso de empréstimo) ou de Recibos (quando o objeto é comprado).

Registro ou inventário: é um sistema que permite identificar e controlar os objetos do acervo de um museu, ou seja, é o levantamento particular de cada um dos bens de uma instituição. Deverão ter os seguintes dados básicos: nome da instituição, número de registro da peça, data de ingresso no museu, nome do objeto, procedência e observações. Essas informações básicas são reconhecidas como tal pelo Comitê Internacional de Documentação¹⁶ do Conselho Internacional de Museus (CIDOC-ICOM) e fazem parte da primeira pesquisa necessária para a documentação do acervo. O Livro de Inventário oferece um quadro preciso das aquisições do museu e deve ser guardado em local seguro. Segundo Santos (2000), o principal objetivo de um inventário é obter uma relação quantitativa do acervo museológico, para fins de cumprir exigências técnicas e administrativas que garantam a eficiência do controle dos objetos

Número de registro e marcação: existem vários sistemas de numeração que variam de museu para museu e “cada museu deve definir o seu sistema, conforme decisão de seus técnicos que devem levar em conta as características do acervo e as necessidades de controle das coleções” (LEAL, s/d).

O número de registro é a identidade do objeto. Ele providencia a ligação entre objeto e sua documentação; deve ser legível, durável e estar em local não aparente, quando o objeto é exposto, mas de fácil acesso. Os materiais utilizados para a marcação variam de objeto para objeto. É importante a criação de um manual de orientação para padronizar os locais e as técnicas de marcação no museu.

¹⁶ O CIDOC é um órgão do Conselho Internacional de Museus que se dedica à sistematização de métodos e processos de documentação de coleções de museus.

Fichas catalográficas: São fichas individuais com informações sobre cada objeto do museu. Conforme consta no Manual Prático de Como Gerir um Museu publicado pelo ICOM, a instituição deve “estabelecer registros sobre cada um dos bens do acervo e atualizá-los sempre que os objetos são examinados e utilizados.” (ICOM, 2004:35). Os itens que irão compô-la serão definidos pelas necessidades do museu.

2.2 – A documentação museológica do Museu da Baronesa de 1982 a 2005:

Para desenvolver este capítulo, fez-se um levantamento da documentação referente aos objetos que compõem o acervo do museu nos arquivos da instituição, desde 1982 até 2005, período anterior à implementação do Projeto já citado. Neles foram encontrados diversos documentos que serão analisados a seguir, seguindo uma ordem cronológica separados por tipologias.

Observando os itens de documentação encontrados nos arquivos do museu, pode-se notar que existe pouca informação dos primeiros anos após a sua abertura, não permitindo dizer quais documentos já existiam, se algum ficou perdido, ou se nem mesmo chegaram a existir. Este momento é marcado pelas primeiras tentativas de tratamento ordenado, mas com muitas lacunas. Nessa época, a documentação disponível no Museu da Baronesa, relativa ao acervo, eram listagens com levantamentos das peças, freqüentemente com poucas informações sobre estas, o que torna difícil o preenchimento dos atuais sistemas de catalogação, não sendo possível identificar nessas listas informações básicas, como a procedência ou data de entrada de algumas peças, informações essas, recebidas, em grande parte, no momento da entrada do objeto no museu.

2.2.1 – Levantamentos:

O mais antigo levantamento do acervo encontrado no Museu, é de 1982, anterior à abertura do mesmo, sendo composto por uma página datilografada, com as seguintes informações:

<p style="text-align: center;">Prefeitura Municipal de Pelotas</p> <p style="text-align: center;">Relação do acervo</p> <ul style="list-style-type: none"> * Aproximadamente 350 a 400 livros da família Antunes Maciel. Enciclopédias, coleções, obras completas de alguns autores clássicos; * Acervo documental. Várias cartas da Baronesa endereçadas a sua filha Sinhá. Várias cartas de Rubens Maciel e Mozart endereçadas a Dona Sinhá; * 11 cadernos de despesas de 1894 a 1942; * Várias fotos da família não identificadas; * Vários documentos, inventários, certidões (cópias) * Vários ofícios endereçados a Lourival e Sinhá Maciel; * Recortes de jornal; * Mobiliário 90 peças já restauradas; * Luminárias – poucas com poucas chances de restauro; * Quadros – telas a óleo de pessoas que talvez fizessem parte da família – sem identificação; * Objetos pessoais em precaríssimo estado.
--

Analisando este documento, pode-se notar que não havia uma descrição ou quantificação exata dos objetos que estavam dentro do museu, apenas o nome do artefato sem alguma descrição mais detalhada.

O segundo levantamento mais antigo tem a data de 30 de abril de 1982, ou seja, foi realizado cinco dias após a inauguração do Museu Municipal Parque da Baronesa. Nele consta a relação da coleção da Família Antunes Maciel, com o nome do objeto, uma breve descrição e sua localização na exposição. Exemplo: Cama em madeira trabalhada com entalhos e monogramas. Sala 03.

A numeração vai de 1 a 69, sendo que um conjunto de mesa e seis cadeiras leva um só numero. Este levantamento foi agrupado por objetos pertencentes à mesma sala e não está completo, pois, no próprio documento existe uma observação dizendo que não foram computados os itens localizados nas salas 09, 10 e 11 da exposição.


Outra relação existente é datada de 10 de dezembro de 1984. Foi efetuada pelo Serviço de Patrimônio da Secretaria Municipal de Administração da Prefeitura Municipal de Pelotas, tendo como responsável a diretora Ana Lúcia E. Brizolara. Diferencia-se dos outros por ser um pouco mais completo, organizado em tabela como é possível observar na Figura 3, com as seguintes informações:

Código: número com três dígitos;

Denominação: nome do objeto e breve descrição;

Quantidade: número de objetos do conjunto;

Valor: este campo não estava preenchido



FLS. 10

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS
SECRETARIA MUNICIPAL DE ADMINISTRAÇÃO
SERVIÇO DE PATRIMÔNIO

RELAÇÃO DOS BENS MÓVEIS

ORGÃO: FUNDAPEL (Museu da Baronesa)

CÓDIGO	DENOMINAÇÃO	QUANT.	VALOR
001- 2	Busto de mármore de Carrara do Barão de Três Serros	1	
002- 2	Coluna de marmore preta com pé e tampo de marmore branco 1,17 x 0,33 X 0,33	1	
003- 2	Porta-bibelot em madeira envernizada c/6 suportes, e destaque a um semi-circulo com livios estilizados estilo-Art nouveau	1	
004- 2	Retrato do conselheiro Francisco Antunes Maciel, moldura em dourado e preto c/ma-deira	1	

Figura 3: Detalhe do levantamento de 1984. Fonte: Arquivo Museu da Baronesa

A numeração desta relação vai de 001 até 775, sendo que a mesma não estava corrida (existiam lacunas como, por exemplo, do 129 ao 172, somando até o número 775, um total de 191 faltantes).

Nos arquivos do Museu da Baronesa foi encontrada também uma pasta com uma nova relação do acervo, com a data de 15 de fevereiro de 1993, assinada pelos responsáveis Luciana Araújo Renck Reis, diretora do Museu, na época, e João Luis Guimarães Vasques, assessor. Este documento divide o Museu por salas, onde são listados todos os objetos pertencentes aos respectivos espaços. Possui numeração corrida para os acervos (sendo que conjuntos de louças, por exemplo, possuem uma única numeração), seguida pelo nome do objeto, sigla da coleção ou doador, e uma breve descrição do acervo. Anexado ao levantamento, existe uma contagem das peças separadas por tipologias, obtendo-se a soma de 2900 peças no total.

Com esta listagem é possível observar que no início do ano de 1993, nas prateleiras e gavetas dos guarda-roupas e penteadeiras, que compõem a exposição, existia acervo armazenado dentro deles. Todos os objetos estavam nos ambientes da exposição, sem haver um lugar para guardá-los, correndo o risco de se perderem, ou se destruírem, devido ao mau acondicionamento. Conforme observação escrita no próprio documento, este levantamento

teve por objetivo quantificar os objetos para, após pesquisa, confeccionar uma ficha técnica para cada um deles com “descrições mais elucidativas, dados quanto ao tamanho, estado de conservação, manutenção e outros que se mostrarem necessários.”¹⁷ A localização das peças também seria reestruturada, visando melhores condições de conservação e manutenção. Nota-se, em 1993, a preocupação de uma sistematização mais ordenada e completa do que nos anos anteriores.

2.2.2 – Livros de Inventário:

Como já foi visto, Livro de Inventário é o nome que se dá ao livro, onde fica registrado todo o acervo do museu. Em alguns períodos no Museu da Baronesa, para este tipo de documento foram usados diferentes nomes: Livro Tombo (de 1982 a 2005) e Livro de Inventário (a partir de 2006). Sendo o mesmo documento, optou-se por utilizar neste trabalho a nomenclatura Livro de Inventário, pois é o nome pelo qual foi intitulado o mais recente documento de registro do Museu.

Durante sua existência, o Museu da Baronesa teve seis livros de registro de seu acervo, sendo que cinco intitulados Livro Tombo e um, Livro de Inventário. Apenas o Livro Tombo de número cinco era continuação do Livro Tombo número quatro. Parte dos Livros Tombos antigos eram configurados no formato de fichas catalográficas, pois além do número de registro, doador e data de doação, apresentava também o campo “descrição da peça”, onde é preenchido com muitas informações ocupando grande espaço da página. Esse modelo de livro não é muito prático para museus com um grande número de acervo como o da Baronesa, devido ao seu grande volume.

Livro Tombo número 1

O documento foi aberto em 27 de setembro de 1982, cinco meses após a inauguração do Museu.

Este livro Tombo é encadernado, com folhas numeradas, onde se encontra uma tabela com os seguintes campos:

- Número de Tombo: este campo é preenchido com o número de registro do objeto, que neste momento, é usado o tripartido;
- Denominação do Objeto: é o nome, por exemplo, cômoda.

¹⁷ Informações retiradas do levantamento dos objetos do Museu da Baronesa de 15 de fevereiro de 1993.

- Forma e preço de aquisição: doação (em nenhum momento está escrito o valor da aquisição, sendo todas doações).
- Último proprietário e procedência: nome do último proprietário.
- Data da aquisição: data em que o Museu recebeu a doação.
- Descrição do objeto: breve descrição.
- Data de tombo: data em que o objeto foi registrado no livro tombo;
- Nome e rubrica: nome de quem fez o registro.
- Observações:

As informações são preenchidas a mão, com letra corrida, como podemos observar na figura 4.

DESCRIÇÃO DO OBJETO	DATA DO TOMBO	NOME E RUBRICA	OBSERVAÇÕES
Comoda do início do séc XX em 2 tons de madeira, c/espelho, jarro de madeira c/2 gavetas, 2 gavetas com 2 portas com espelho	08/10/1982	Silvia Feliciano	restaurada em 81 - Exposta sob Quarto de São Manuel
Comoda do início do séc XX, em 2 tons de madeira, c/espelho retangular e jarro de madeira. 2 gavetas e 2 portas c/espelho sob o jarro	09/11/1982	Silvia Feliciano	restaurada em 81. Exposta sob Quarto de São Manuel
faixa de solteiro em 2 tons de madeira, com cabeceira, pés e chapeados trabalhados	09/11/1982	Silvia Feliciano	restaurada em 81. Quarto de São Manuel
baixa dois tons de madeira, tem 1 porta c/espelho e um gavetão. Na parte superior, flor de acanto	09/11/82	Silvia Feliciano	restaurado em 1981. Quarto de São Manuel
baixa 2 tons de madeira, tem 2 portas c/espelhos e 2 gavetas.	09/11/82	Silvia Feliciano	restaurado em 1981. Quarto de São Manuel.
Bêbado em madeira com enfeites trabalhados. Possui 1 gaveta e 1 porta. Sem jarro.	09/11/82	Silvia Feliciano	madeira restaurada em 1981

Figura 4: Página do Livro Tombo N°1. Fonte: acervo pessoal da autora

O Livro possui somente 17 objetos registrados e foi encerrado em 6 de dezembro de 1982. Conforme parecer colocado neste, essa resolução foi tomada de acordo com diversos museus nacionais e de acordo com museólogo Aécio de Oliveira, primeiro diretor do Museu do Homem do Nordeste da Fundação Joaquim Nabuco, por apresentar rasuras e correções à grafite.

Livro Tombo número 2

Este livro não possui data de abertura e apresenta configuração semelhante ao primeiro: caderno com folhas numeradas onde se encontram os seguintes campos:

Nº	Código	Data	Doador	Valor	Descrição da peça	Observações
----	--------	------	--------	-------	-------------------	-------------

Nota-se que, neste livro, o acervo passa a ter dois números de registro: o número do primeiro campo, que é uma numeração sequencial e possibilita saber quantos objetos o museu possui em seu total, e o segundo é o código tripartido, que será abordado mais profundamente em outro tópico. O documento foi preenchido com 780 objetos tombados e teve seu uso interrompido no dia 23 de setembro de 1996. Conforme parecer escrito no próprio livro, este foi interrompido devido a problemas encontrados em seus registros tais como: falta de descrição individualizada para peças semelhantes, folhas soltas que foram substituídas por novas páginas, anexadas ao documento com fita durex (conforme podemos observar na figura 5), rasuras, tombamentos da coleção Adail Bento Costa como sendo definitiva, tombamento de peças da família Sousa Soares como sendo da família Antunes Maciel¹⁸.

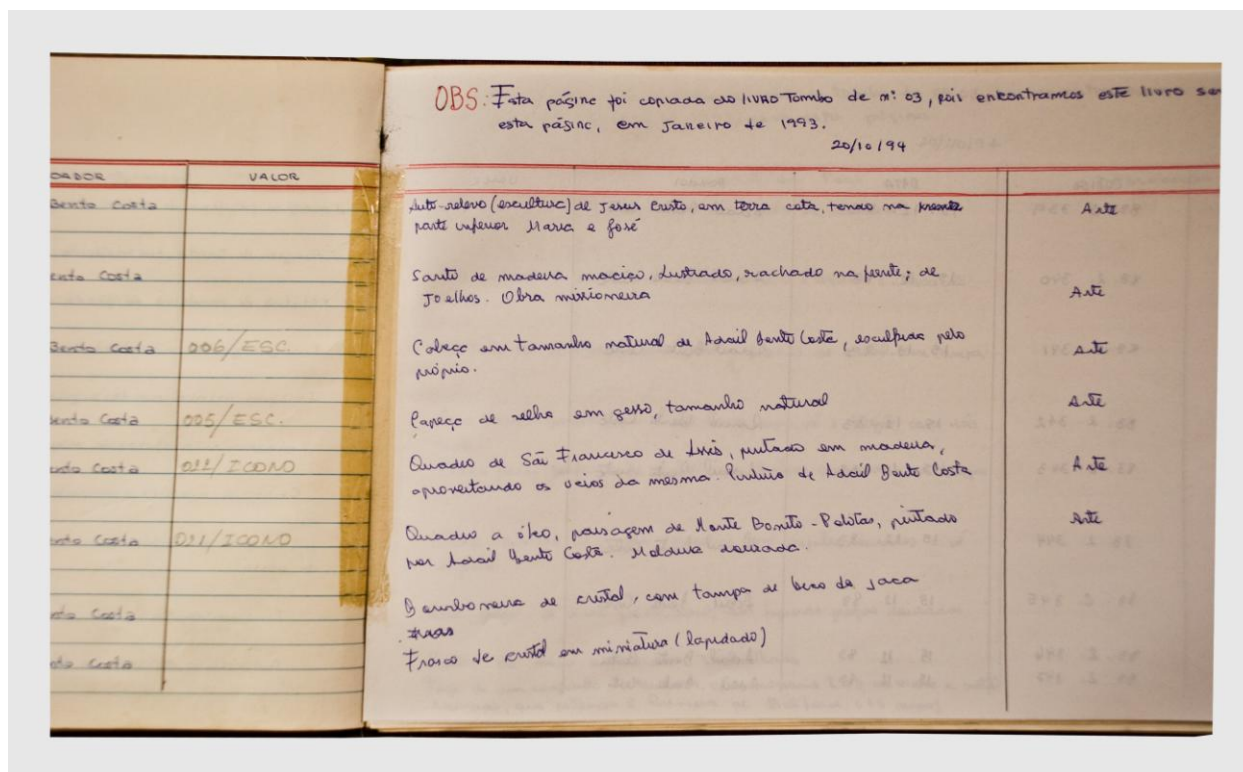


Figura 5: Detalhe da página anexada no interior do Livro Tombo N°2. Foto: Fabrício Marcon

¹⁸ Fonte: Documentos Museu da Baronesa.

Livro Tombo de número 3

Este novo documento não tem data de abertura e apresenta campos idênticos ao anterior, para substituir o encerramento deste; possui quatro registros por página. Chegou-se a tomar 807 objetos no livro que foi encerrado em 23 de setembro de 1996 por rasuras no número de doador, uso inadequado da expressão “idem” para identificação de objetos semelhantes, entre outros equívocos.

Para a abertura de um novo Livro, foi realizado um projeto de Reorganização e Atualização do Livro Tombo do Museu da Baronesa, assinado pela administradora do Museu, Luciana Araujo Renck Reis e pelo Técnico em Museologia João Luis Guimarães Vasques, em 15 de maio de 1993. Segundo este projeto, após serem examinados os Livros Tombo antigos e assinalados os erros ali existentes (erros mencionados anteriormente), achou-se por bem consultar as opiniões de museólogos como o professor Aécio de Oliveira, ex-diretor do Departamento de Museologia da Fundação Joaquim Nabuco, Professora Lia Fernandes, responsável pelo Livro Tombo do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro, professora Letícia Nedel e Heloisa Helena Córdova dos Reis, do Museu Júlio de Castilhos de Porto Alegre. Foi feita uma pesquisa no livro “Aquisição e Documentação” de Fernanda Camargo Moro, chegando-se à conclusão que os livros anteriores deveriam ser fechados e confeccionado um novo Livro Tombo dentro de normas museológicas que substituiria os antigos.

Livro Tombo de números 4 e 5

Este documento teve abertura em 23 de setembro de 1996.

O Livro número 4 possui folhas impressas em computador e encadernadas, onde o registro dos objetos começa no número 0001 e segue até o 0900. Já o livro número 5, que é uma continuação do 4, começa seu registro com o número 0901 indo até o número 1050 e as folhas estão soltas, sendo armazenadas em saquinhos plásticos, dentro de uma pasta, à espera de encadernação.

Cada página possui duas fichas, conforme ilustra a figura 6. O preenchimento da ficha se dava da seguinte forma:

- N°: número seqüencial, que acompanha a etiqueta na peça. É ele que dá o número total de peças do acervo do museu.

- Código n°: usava-se o código tripartido. Cada coleção possuía um código.
- Data de aquisição: este livro foi organizado para começar por ordem crescente da data de doação, por exemplo, as primeiras peças doadas ao museu receberam os primeiros números de registro e assim, sucessivamente. Contudo, houve falhas quanto a esse método, pois ao percorrer o livro Tombo N° 4, percebe-se que algumas doações que deveriam estar agrupadas com doações do mesmo ano, estão soltas, inseridas no conjunto de doações de anos diferentes.

Este documento não é o adequado por questão de segurança. Como as folhas eram impressas, a partir de um arquivo de computador, para serem encadernadas, precisava-se aguardar a impressão de um grande número das mesmas, o que levava algum tempo, podendo neste período, serem perdidas folhas ou, então, haver troca de registros. Ele também se encontrava rasurado, pois, conforme foram sendo percebidos erros em relação aos registros, o mesmo foi sendo rasurado a lápis ou caneta, adicionando-se novas informações.

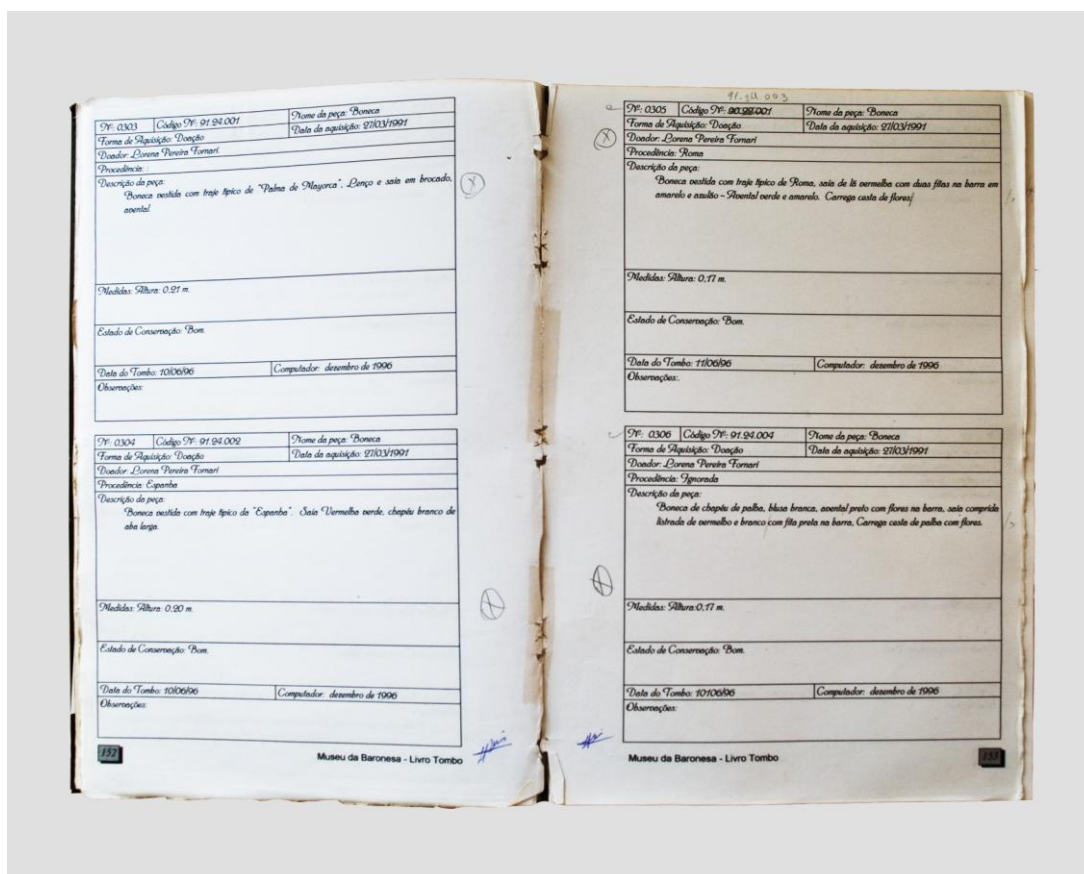


Figura 6: Livro Tombo N° 4. Foto: Fabrício Marcon

91.24.003

Nº: 0305	Código Nº: 90.99.001	Nome da peça: Boneca
Forma de Aquisição: Doação		Data da aquisição: 27/03/1991
Doador: Lorena Pereira Fornari		
Procedência: Roma		
Descrição da peça: <i>Boneca vestida com traje típico de Roma, saia de lã vermelha com duas fitas na barra em amarelo e azulão - Avental verde e amarelo. Carrega cesta de flores;</i>		
Medidas: Altura: 0,17 m.		
Estado de Conservação: Bom.		
Data do Tombo: 11/06/96		Computador: dezembro de 1996
Observações:		

Figura 7: Detalhe do Livro Tombo N°4

Outro erro que ocorreu com esse tipo de documentação museológica foi que, depois de encerrado um livro tombo, era aberto outro com um número sequencial, por exemplo, 1, depois 2; quando encerrado, novamente vinha o 3 e assim por diante, como se fosse continuação do livro anterior, porém, na verdade, cada livro trazia as mesmas informações, agregando os novos objetos tombados, por isso não eram continuação e sim, novo projeto de documentação, registrando os mesmos objetos de uma maneira ligeiramente diferente. Somente os livros 4 e 5 eram um conjunto, sendo o de número 5 continuação do livro 4. Para esse erro ser corrigido, o quarto livro deveria receber como identificação volume 1 e o quinto livro, volume 2.

Estes dois volumes foram os mais completos tendo como último número sequencial registrado o 1050, sendo necessária sua interrupção devido aos erros de registros encontrados.

Observou-se que os livros foram encerrados devido a problemas no sistema de documentação, problemas estes que não devem ocorrer para uma eficaz recuperação de dados.

2.2.3 – Número de registro e marcação dos objetos:

Como foi possível perceber, através da análise dos Livros Tombo, desde 1982 os objetos do museu possuíam número de registro tripartido, onde o primeiro número corresponde aos dois últimos algarismos do ano em que a peça foi doada; o segundo número, separado do primeiro por um ponto, corresponde ao número do doador e o terceiro número, separado do segundo por um ponto, é o número de peças por doador¹⁹. Era usado um sistema de códigos onde o número 1 correspondia à coleção da Família Antunes Maciel; o número 2 à coleção Adail Bento Costa; o número 3 à coleção doada pela Prefeitura Municipal de Pelotas e com o avançar dos anos, outros doadores foram recebendo números como os primeiros.

Por exemplo: analisando o número de registro 83.03.002, entendemos que em 1983, a Prefeitura de Pelotas doou dois objetos (sendo que a coleção da Prefeitura de Pelotas corresponde ao número 03). Este sistema permite ao Museu saber que no ano X houve Y doadores e cada doador doou Z objetos. Nota-se que, devido aos livros estarem incompletos, não constando o acervo em sua totalidade, não é possível afirmar que todo o acervo possuía número de registro.

Segundo relato de Noris Leal, assessora técnica do Projeto, essa numeração tripartida não foi bem utilizada, ocorrendo alguns erros no registro, pois não existia uma tabela com o nome da coleção e seu número correspondente. Acontecendo que, quando um mesmo doador decide doar mais objetos para o museu seis anos depois da sua primeira doação, por exemplo, era atribuído novo número àquela coleção, ao invés de pesquisar o número referente ao doador.

A partir do Livro Tombo N° 2, além da numeração tripartida, o acervo passou a ter um segundo número de registro, sendo este seqüencial. Este número seqüencial é o que passou a acompanhar a peça, marcado em uma etiqueta adesiva anexada à mesma. Além das etiquetas adesivas, também eram utilizadas etiquetas de papel e tecido, afixadas nos objetos das mais variadas formas, não havendo assim, uma única metodologia utilizada para a marcação do registro no acervo.

Este sistema de etiquetagem foi importante, pois dessa maneira, era possível relacionar

¹⁹ Projeto de reorganização e atualização do Livro Tombo do Museu da Baronesa de 15 de maio de 1993. Fonte encontrada nos arquivos do Museu.

a peça ao registro do Livro Tombo. O que prejudicou foram os métodos utilizados: as etiquetas adesivas eram anexadas aos objetos confeccionados de diferentes materiais, como louças, papel, madeira e tecido. Após alguns anos, a goma da etiqueta acabou danificando o acervo, alguns números não puderam mais ser identificados, perdendo-se desta forma várias informações.

Pelo fato de cada peça ter dois (ou mais) números de registro, mas somente um deles ser correspondente à etiqueta da mesma, causava erros de cadastro encontrados em levantamentos e nos Livros Tombo existentes.

2.2.4 – Fichas catalográficas:

Durante o processo de pesquisa feita no arquivo administrativo do Museu, foi encontrada a seguinte ficha catalográfica:

TIPO DE PEÇA: MOBILIÁRIO		Nº DO LIVRO TOMBO: 0831 012	Nº DE ORDEM: 008/MOB
IDENTIFICAÇÃO: MESA REDONDA EM MADEIRA ESCUVA, COM PEÇAS CENTRAIS TORNEADAS QUE SE APOIAM EM TRÊS PEQUENOS PÉS.	TÉCNICA DECORATIVA:	INSCRIÇÕES, MARCAS OU TÍTULOS:	
FUNÇÃO: DECORATIVA	REPRESENTAÇÃO OU DECORAÇÃO:	AUTOR:	
MATÉRIA PRIMA:	PROCEDÊNCIA:	OUTRAS CARACTERÍSTICAS:	
	SÍTIO: LOCALIDADE: MUNICÍPIO: ESTADO: REGIÃO: PAÍS:	ESTILO, CULTURA OU ETNIA: ESTILO ART NOUVEAU	
	AQUISIÇÃO <input type="checkbox"/> PESQUISA <input checked="" type="checkbox"/> DOAÇÃO <input type="checkbox"/> COMPRA VALOR: _____	ÉPOCA: SÉC: XX	
	QUEM ADQUIRIU: PREFEITURA MUNICIPAL DE PELotas	TÉCNICA DE MANUFATURA:	
	DE QUEM ADQUIRIU: FAMÍLIA ANTUNES MACIEL		

Figura 8: Ficha catalográfica. Fonte: arquivo do Museu da Baronesa.

Esta ficha não possui data e, provavelmente, seja a segunda etapa do levantamento do acervo de 15 de fevereiro de 1993, devido à informação contida neste, dizendo sobre uma etapa de confecção de fichas técnicas com descrições mais elucidativas para cada objeto pertencente ao acervo do Museu da Baronesa. Quando questionado sobre a origem desta

ficha, o ex-funcionário da instituição, historiador e técnico em museologia João Vasques²⁰, não soube responder.

Analisando a ficha de catalogação, percebe-se que alguns campos como, por exemplo, os itens técnica de manufatura e procedência sítio, não tem a ver com a tipologia de acervo que o Museu abriga (este último sendo especificamente para registrar informações de peças de escavações arqueológicas) e muito dos demais campos não estão preenchidos. Como se pode ver na figura 8, os campos preenchidos são: tipo de peça, n° do livro tombo, n° de ordem, identificação, função, aquisição, quem adquiriu, de quem adquiriu, estilo, cultura ou etnia e época. Segundo relato de Vasques, as demais áreas não foram preenchidas, devido ao pequeno número de funcionários da instituição, os quais faziam os mais diversos serviços no Museu como monitorias e outras atividades, e, não tendo um funcionário para fazer especificamente este trabalho, foi deixado incompleto.

Este foi o primeiro modelo de ficha catalográfica, utilizada para documentar o acervo do museu. Com a confecção dessa ficha, é possível notar que havia uma preocupação com a catalogação dos objetos, sendo 804 fichas em sua totalidade, onde cada uma possui um envelope para guardar o registro fotográfico da peça, sendo que nem todas continham a respectiva fotografia anexada. Elas estão soltas, agrupadas dentro de duas caixas de arquivo.

Foi encontrado também um modelo de ficha sem preenchimento que, por análise da logomarca, foi idealizada no período de gestão da Carla Gastaud (2001-2004), possivelmente para fichar documentos manuscritos antigos, devido à existência do campo “data do documento” para preenchimento.

O formulário é dividido em duas colunas. A coluna da esquerda contém os seguintes campos: Título, Localização, N° Chamada, N° Tombo, Data do documento e Conteúdo. A coluna da direita contém: Características, Particularidades/Conservação, Palavras-Chave e OBS. No topo do formulário, há o logotipo do Museu da Baronesa, que apresenta o nome 'MUSEU DA BARONEZA' e o nome 'BARONEZA' em uma fonte maior, com o endereço 'RUA DO COMENDADOR JOÃO VASQUES, 100 - JARDIM BARONEZA - SÃO PAULO - SP' abaixo.

Figura 9: Frente e verso da ficha catalográfica sem preenchimento. Fonte: Museu da Baronesa

²⁰ Entrevista com João Vasques, funcionário do Museu da Baronesa de 1982 até 2006, realizada dia 06/05/2010

2.3 – O Projeto de Qualificação da Documentação Museológica e Revitalização da Reserva Técnica de 2006 a 2007

No ano de 2001, foi realizado um diagnóstico da estrutura física, da museografia e da situação documental existente no Museu da Baronesa por Noris Mara Leal, historiadora e especialista em museologia, na época. Apesar de ser um diagnóstico mais amplo, será enfocada a parte da situação documental onde está colocado que:

- Livro Tombo número 4 e 5: impresso, enquanto o mesmo deveria ser manuscrito, o que por sua vez dificultaria a adulteração dos dados;
- O número de registro da peça: cada objeto possui até então, dois números de registro, sendo um tripartido e outro seqüencial, causando uma série de problemas;

Para melhor segurança das coleções, é necessária a utilização de um único número para o registro de cada objeto.

- Existia erro na numeração. Alguns objetos eram tombados com dois números diferentes, e também existiam objetos diferentes com números iguais;

Este erro é importante de ser corrigido, pois cada objeto precisa ter um número único, para poder assim, relacioná-lo à sua documentação correspondente, já que “o número do objeto providencia a ligação entre ele e a sua documentação, sendo de valor inestimável caso o objeto seja roubado ou extraviado.” (ICOM, 2004: 38)

- Não existe ficha catalográfica com maiores informações sobre o objeto (as que foram encontradas possuíam campos sem preenchimento)

Após a confecção do diagnóstico foram apontadas sugestões a serem seguidas para corrigir os erros encontrados. São elas:

- “Encerramento do livro tomo existente;
- Utilização do mesmo como boneco para conferência do acervo;
- Utilização de livro do tipo ata, para o registro;
- Acertar a forma de numeração a ser seguida;
- Organização das fichas dos objetos.” (LEAL, 2001)

Com esses dados, foi desenvolvido um projeto para concorrer ao edital de Modernização de Museus de 2005 do DEMU (Departamento de Museus e Centros Culturais). Não sendo aprovado, o projeto concorreu ao edital do Programa Caixa de Adoção de

Entidades Culturais, aprovado em 2006. Este projeto desenvolveu um sistema documental com instrumentos que possibilitam recuperar os dados sobre o acervo, “permitindo a preservação do máximo de dados possíveis sobre os objetos, aumentando as oportunidades de acesso aos mesmos e a capacidade de produção de conhecimento”²¹, assim como a criação de condições para a organização do acervo armazenado na reserva técnica. Para este trabalho, foram adquiridos, por meio dos recursos da CAIXA, arquivos deslizantes, dois computadores, scanner, impressora, máquina fotográfica, material de consumo (TNT, manta acrílica etc) além da contratação de assessoria técnica e dois estagiários²².

O projeto consistiu na elaboração de um novo sistema de documentação. Para isso foi criado um novo Livro de Inventário e um novo número de registro dos objetos. Além disso, foram confeccionadas fichas catalográficas para preencher com informações de cada item da coleção, e criado um banco de dados digital onde foram armazenadas as imagens de cada objeto do acervo. Ocupou-se também da revitalização da Reserva Técnica, com a instalação de arquivos deslizantes e desumidificador, e na higienização de todo acervo localizado na Reserva e em exposição.

A seguir, analisaremos os novos sistemas de documentação dos objetos propostos pelo Projeto de Documentação Museológica, iniciado em 2006.

2.3.1 – Livro de Inventário:

Como o livro de registro existente era falho, sendo impresso, possuindo inúmeras rasuras, onde alguns objetos possuíam dois ou mais números, fácil de realizar qualquer tipo de adulteração, este foi encerrado e um novo livro foi confeccionado. Para isso, elaborou-se um boneco (rascunho) num livro de atas com folhas numeradas graficamente, com termo de abertura, assinado pela coordenadora técnica do projeto e pela diretora do Museu, páginas rubricadas por ambas, onde as informações foram preenchidas de forma manuscrita, com letra corrida, na cor preta, servindo como um rascunho para não ocorrer erros no posterior preenchimento do Livro de Inventário definitivo, pois, conforme Santos, “para diminuir a necessidade de correções, é interessante a elaboração de um rascunho de todos os itens a

²¹ Relatório final do projeto de qualificação da documentação museológica e revitalização da reserva técnica. 28/11/2008 Noris Mara Pacheco Martins Leal.

²² Dimitrius Farias e Cristiano Gehrke, alunos do curso de Bacharelado em História da Universidade Federal de Pelotas.

serem anotados no livro de inventário, pois o livro deve ser preenchido manualmente.” (SANTOS, 2000: 54-55)

As informações escolhidas para compor o novo livro foram: número de registro, nome do objeto, procedência (nome do doador), data de entrada do objeto no museu, data de registro no livro e observações, como ilustra a figura 11.

Após esta etapa, as informações foram passadas a limpo para um livro mandado confeccionar especialmente para este objetivo. Conforme consta no relatório final do Projeto, a etapa de registrar as informações do boneco no livro de inventário:

passou do período ao qual os dois estagiários pagos pela caixa estavam vinculados a ele, passando esta tarefa a um dos funcionários do museu, que teve um percalço por não entender as anotações que tinham sido realizadas anteriormente, acabou involuntariamente tendo um erro de transcrição dos dados, necessitando assim da confecção de um novo livro, recomeçando então o trabalho de passar a limpo as informações. (LEAL, 2008:12)

Este novo Livro de Inventário também foi confeccionado de acordo com as convenções para a documentação museológica existentes - fabricado em capa dura com a seguinte identificação na capa: “Livro de Inventário do acervo do Museu Municipal Parque da Baronesa – I. Pelotas – RS”. Possui páginas pautadas e numeradas sequencialmente para um maior controle. O registro é manuscrito de maneira legível, com tinta preta e não existem linhas em branco entre os diversos objetos registrados no livro. Na primeira página possui o termo de abertura:

Este livro de registro contendo 150 páginas destina-se ao registro do acervo do Museu Municipal Parque da Baronesa. Suas folhas são rubricadas pela diretora do Museu Annelise Montone e pela assessora técnica do projeto de documentação museológica Noris Mara Pacheco Martins Leal. Pelotas, 25 de janeiro de 2007

A utilização do livro ocupa as páginas de duas em duas, pois ele é usado na largura total de sua abertura, ocupando a página da esquerda e da direita como é possível observar na figura 10. Outro cuidado, tomado na etapa de seu preenchimento, foi o de não apresentar rasuras, pois, conforme aponta Santos:

Em hipótese alguma se pode riscar, apagar ou remover quimicamente qualquer dado escrito no livro de registro. As únicas rasuras ou acréscimos permitidos devem ser o que o museólogo responsável considera indispensáveis; todas essas alterações devem ser feitas com tinta de cor diferente e rubricadas pelo responsável. (SANTOS, 2000:55)

Todos esses cuidados foram tomados, para evitar possíveis adulterações nas informações. Até o presente momento foram inscritos no livro de inventário um total de


nova ficha catalográfica, onde as informações contidas foram selecionadas a partir das necessidades do museu.²⁴

Como base para a confecção dos campos, foram utilizadas as informações existentes na documentação anterior e no programa escolhido, para informatizar o acervo, o Doc Musa BR, uma base de dados versão Beta, um aplicativo Microsoft Office Access, desenvolvido sobre a coordenação da Professora Rosana Nascimento – Universidade Federal da Bahia (UFBA) dentro de um convênio entre o Departamento Museus/IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e a Universidade de Lusofona, o qual se encontra em fase de testes. O programa foi passado à assessora técnica do projeto, para ser utilizado no Museu da Baronesa para análise do seu funcionamento.

Segundo relatório do Projeto em questão, para preencher a ficha catalográfica do programa DocMusa, foi necessária, num primeiro momento, a utilização de fichas em papel, devido à impossibilidade de movimentar o acervo que estava em exposição, principalmente os de grande volume como o mobiliário. A equipe fez o preenchimento das fichas dos objetos que se encontravam expostos, bem como os objetos guardados na reserva técnica e, posteriormente, tais informações foram passadas para o banco de dados, para posterior impressão das fichas.

A ficha em papel, como é possível observar na figura 12, possui o nome da instituição e logomarca, centralizada no início da página, identificando a qual museu ela pertence. É preenchida para cada um dos objetos, onde constam as seguintes informações: nome do objeto, número de registro, número antigo, classe/ categoria, nome do doador, data de doação, material, objetos relacionados, origem, estado de conservação, histórico da peça, marcas, dimensões, inscrições, descrição do objeto (descrição da peça, baseada no caderno de diretrizes museológicas, destacando a forma, a coloração, a textura do objeto), recomendações, intervenções anteriores, referências bibliográficas, bibliografia, localização, observações, responsável pelo preenchimento da ficha e pela digitação da ficha.

²⁴ Relatório final do projeto de qualificação da documentação museológica e revitalização da reserva técnica. 28/11/2008 Noris Mara Pacheco Martins Leal.


 MUSEU DA BARONESA

Número de inventário: MMPB		Nome do objeto:
Doador/Coleção:		
Modo de aquisição: Doação	Data da doação:	
Origem:	Objetos relacionados:	
Classe/Categoria:		
Estado de conservação:	Nº antigo:	
Material:		
Comprimento:	Largura:	Altura:
Espessura:	Profundidade:	Diâmetro:
Localização:		
Histórico da peça:		
Descrição:		
Histórico exposição:		
Recomendações/Intervenções anteriores:		
Marcas/Inscrições:		
Bibliografia:		
Referências bibliográficas:		
Observações:		
Preenchida por:	Digitada por:	

CAIXA

Figura 12: Ficha catalográfica. Fonte: arquivo do Museu da Baronesa

Analisando os campos da ficha:

Número de inventário: É o número de registro do objeto

Nome do objeto: O que ele é, por exemplo, cadeira

Doador/coleção: Aqui se escreve o nome de quem doou a peça ao Museu

Modo de aquisição: doação. Este campo já vem preenchido pois todos os objetos pertencentes à coleção do Museu são doações.

Data de doação: Data em que o objeto foi doado.

Origem: País, cidade ou região de origem do objeto.

Objetos relacionados: Este campo é preenchido, quando o objeto pertence a um

conjunto e, neste espaço, são colocados os números de registros dos objetos componentes do conjunto.

Classe/categoria: Preenchida de acordo com a terminologia do Thesaurus para acervos museológicos.

Estado de conservação: Ótimo, bom, ruim ou péssimo - estas são as nomenclaturas utilizadas para o preenchimento deste campo.

Nº antigo: Quando o objeto possui número de registro antigo, o mesmo é escrito neste campo.

Material: Material de confecção do objeto, por exemplo tecido, couro, madeira.

Comprimento, largura, altura, espessura, profundidade, diâmetro: São escritos em centímetros.

Localização: Onde o objeto se encontra no museu. Se estiver em exposição, é colocado: Exposição / e o número da sala onde ele se encontra. Se o mesmo está na reserva técnica, indica-se: Reserva Técnica / e o número do módulo, seguido pelo número da prateleira em que ele se encontra.

Histórico da peça: A quem o objeto pertenceu e mais alguma informação relevante sobre ele.

Descrição: Descrição do objeto baseadas no caderno de diretrizes museológicas, escrito por Maria Inês Cândido.

Histórico de exposição: Preenchido com o nome das exposições temporárias das quais o objeto participou, indicando a data de início e de término da mesma.

Recomendações/intervenções anteriores: Este campo é preenchido, quando o objeto sofrer algum tipo de restauro ou intervenção, indicando qual foi e a data.

Marcas/inscrições: Quando um objeto possui etiquetas, marcas ou alguma inscrição, ela é transcrita tal e qual neste campo.

Bibliografia: Bibliografias utilizadas para pesquisas sobre o acervo.

Referências bibliográficas: Bibliografias cujo conteúdo foi citado nos campos de preenchimento da ficha.

Observações: Informações relevantes que não se encaixam em outro item.

Preenchida por: Nome de quem preencheu a ficha

Digitada por: Nome de quem digitou as informações no DocMusa

Os dados utilizados para o preenchimento das fichas, bem como os demais documentos possuem terminologia controlada, sendo para isso, utilizado o Thesaurus para

acervos museológicos. O Thesaurus é:

Um conjunto de conceitos ordenados, de modo claro e livre de ambigüidade, a partir do estabelecimento de relações entre os mesmos e que pode ser definido segundo sua função ou estrutura. Do ponto de vista de sua função, é um instrumento de controle terminológico adotado por sistemas e/ou centros de informação e bibliotecas com o objetivo de tornar a indexação do conteúdo temático de documentos textuais/bibliográficos mais consistente e, conseqüentemente, garantir maior precisão na recuperação de informações. Quanto à sua estrutura, é um vocabulário controlado e dinâmico de termos que têm entre si relações semânticas e genéricas, que se aplica a uma área particular do conhecimento. (FERREZ, 1986: XV)

Para Ferrez, os dados a serem preenchidos na documentação do museu devem ter sua terminologia controlada. “O controle da terminologia, na medida em que assegura sua consistência, impede que informações relevantes sejam perdidas porque vários termos foram usados para designar uma mesma coisa.” (FERREZ, 1994:70) É um pré-requisito para um eficiente sistema de documentação museológica.

Atualmente, o museu possui 2614 exemplares dessas fichas, armazenadas em fichários separadas por ordem alfabética e numérica, por exemplo, na pasta de letra A, estão as fichas dos objetos que começam com esta letra, organizadas por ordem crescente de número de registro. Todas essas fichas já foram digitadas no programa DocMusa e aguardam impressão.

2.3.3 – Número de registro e marcação dos objetos:

Devido aos diversos sistemas de numeração existente, foi necessário definir um novo sistema de numeração a ser utilizado para identificação do acervo. Como já havia sido empregado o tripartido e o seqüencial, optou-se pelo alfanumérico: começando pelas iniciais do nome do museu, MMPB, seguido por numeração seqüencial, por exemplo: MMPB0001. Essa numeração utilizada é simples, podendo com ela reconhecer que faz parte do acervo do Museu da Baronesa e o número seqüencial ajuda na quantificação do total de peças pertencentes à instituição. Sendo assim, ela está de acordo com as normas de Moro, quando aponta:

Durante um certo tempo falou-se muito em numeração tripartite: composta de três partes com diferentes significações. Hoje, estes tipos mais complexos de numeração vêm sendo alijados, por serem complicados e bitolados, dificultando a rápida identificação da peça. A numeração tem que ser mais simples, segura, funcional e incisiva. (MORO, 1986: 49)

No caso de objetos que possuem partes removíveis como gavetas, por exemplo, passou-se a usar um único número de registro para todas as partes, diferenciados entre si por um ponto e um número na ordem crescente acrescido ao final do respectivo registro. Por

exemplo:

MMPB0232 aparador

MMPB0232.1 gaveta

MMPB0232.2 gaveta.

Isto nos informa que as duas gavetas pertencem ao aparador com número de registro MMPB0232, caracterizando-as como desdobramento da peça.

Para conjuntos como, por exemplo, aparelhos de chá, cada objeto recebe um número próprio, não sendo utilizado um único número de registro para o conjunto. Assim, numeram-se cada componente em separado, referenciando que pertencem ao mesmo conjunto no campo “objetos relacionados” da ficha catalográfica.

Conforme Moro (1986), chama-se marcação o ato de numerar uma peça, tendo como objetivo sua identificação. Esta marcação é necessária e obrigatória nos objetos que fazem parte do acervo de um museu, podendo ser, dependendo de sua intenção: provisória, semipermanente e permanente. Provisória é aquela cuja necessidade de duração é de caráter transitório, (ocorrendo principalmente em objetos emprestados); marcação semipermanente, aquela que, apesar de ser durável, pode ser retirada, sem deixar marcas, já a tentativa de retirada da marcação definitiva deixará marcas.

Para a nova marcação nos objetos, foram utilizadas técnicas diversificadas para materiais diferentes, por exemplo, definitiva para os objetos em madeira, ou semi-permanente nos documentos. Para a de marcação das peças, nos objetos em madeira, metal, faiança e plástico, passou-se uma faixa de esmalte incolor, um faixa de guache branco sobre o esmalte, escreveu-se o número de registro com nanquim e passou-se mais uma faixa de esmalte incolor.

Já nos objetos em papel (fotografias, cartas e documentos), colocou-se o número de registro com lápis 6B, na parte inferior do verso, como mostra a figura 13.

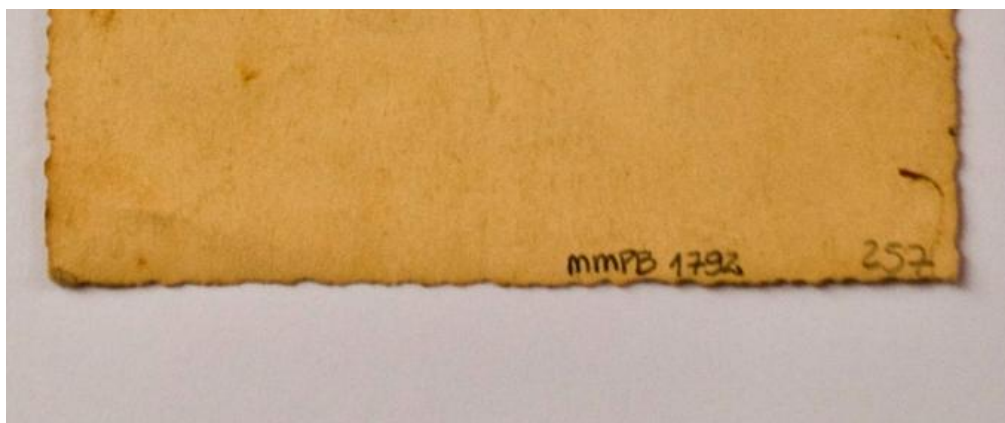


Figura 13: Detalhe de marcação em fotografia. Foto: Fabrício Marcon

Para a marcação dos têxteis, foi usada uma faixa de algodão cru, com número de registro escrito com tinta de tecido e costurada com linha branca no objeto, porém esta solução teve de ser substituída por um cadarço de algodão, já que a etiqueta desfiava.

2.3.4 – Banco de dados digital:

Atualmente, o Museu possui um banco de dados digital de seu acervo composto por uma pasta no computador chamada “Acervo MMPB”, onde estão as fotografias e digitalizações de cada objeto do museu, onde seu nome é o seu número de registro. Como aponta o manual prático de como gerir um museu – ICOM, “as imagens fotográficas digitais (...) são um recurso valioso, tanto para propósitos de referência internos como para utilização pelos investigadores e público.” (ICOM, 2004: 46)

Outra base de dados utilizada para gerir a documentação museológica é o já citado programa DocMusa, desenvolvido para catalogar acervos de museus. Sua diagramação consiste em uma ficha catalográfica²⁵ virtual, sendo mais dinâmica que a ficha física, pois seu modo de busca é mais eficiente.

Por não possuir manual, a sua utilização não é muito precisa, dificultando o trabalho. Até pouco tempo, não era possível anexar fotos dos objetos junto à ficha virtual, mas com o uso e testes foi verificado que as imagens poderiam ser anexadas, se estivessem no formato gif. Até então, todas as fotografias do banco de dados estavam no formato jpeg.

²⁵ Uma impressão da ficha do programa DocMusa está no anexo 1 para melhor compreensão da mesa.

Pelo fato de o programa estar em fase de teste, alguns itens do banco de dados ainda não funcionaram satisfatoriamente, como por exemplo, o campo descrição tem um número limitado de caracteres, obrigando a ser criado um arquivo paralelo no Word para este campo, para num segundo momento, serem anexadas ao programa. Os modos de busca conhecidos são apenas dois: por número de registro e por numeração anterior, sendo que devem existir outros modos de busca, mas até então não foi descoberto.

A ficha digital possui os mesmos campos da ficha em papel já citada anteriormente, e mais um campo chamado “Referência (Fotografia)”, como podemos observar no anexo 1, onde vai preenchido, neste espaço, o nome do fotógrafo que registrou a imagem do objeto, imagem essa, que é anexada à ficha do DocMusa.

2.4 – Fase Pós Projeto de 2008 a 2010

Através de experiências práticas, algumas técnicas de marcação do número de registro no objeto, utilizadas durante o Projeto de Documentação, foram sendo substituídas por outras que se mostraram mais eficazes, segundo a nova equipe de trabalho do Museu²⁶. Isso ocorreu, como por exemplo, na marcação definitiva de objetos em madeira, faiança e metal, onde o guache branco foi substituído por esmalte branco. Essa técnica foi mudada, pois, através de experiências, pode-se perceber que o guache branco levava muito tempo para secar, atrapalhando o desenvolvimento de outras etapas como a escrita do número de registro sobre a tinta seca. Quando o guache estava finalmente seco, a ponta fina do nanquim descascava a tinta, sendo necessário passar novamente outra camada de guache branco por cima da primeira. No momento em que era possível escrever o número de registro sobre a camada de tinta, passava-se sobre ele verniz transparente. O verniz transparente dissolia parcialmente o guache, fazendo com que o nanquim manchasse, dificultando a leitura do número de registro. Por esses motivos, optou-se por usar outro método, que se mostrou mais eficiente. O guache branco foi substituído por verniz branco (esmalte branco), o qual seca mais rápido e não

²⁶ Os estagiários do Programa Caixa necessitavam atender a outras demandas além daquelas referentes às tarefas específicas do projeto, prejudicando o andamento do mesmo. Para otimizar os trabalhos, foram inseridos no grupo os estagiários voluntários do curso de Bacharelado em Museologia da UFPel, que, com o término das etapas do Projeto, e, conseqüentemente encerramento do contrato dos estagiários do Programa Caixa, continuaram fazendo parte da equipe de trabalho do Museu.

descasca facilmente, possibilitando assim, maior agilidade no processo de marcação definitiva do acervo. A figura 13 ilustra esta técnica utilizada.



Figura 14: Detalhe de marcação em objeto de metal. Foto: Fabrício Marcon.

O mesmo ocorreu com a marcação dos números de registro nos objetos de tecido. A tinta de tecido foi substituída por nanquim, pois se percebeu que a tinta acabava manchando as peças devido à demora para a secagem da mesma. Por este motivo, a nova equipe de trabalho optou para que em objetos de tecido, fosse costurada na peça a etiqueta de cadarço de algodão, com linha branca e o número escrito a nanquim, conforme é possível notar na figura 15.



Figura 15: Detalhe de marcação em renda. Foto: Fabrício Marcon.

Segundo CÂNDIDO:

Como parte integrante dos sistemas de preservação do Patrimônio Cultural, é papel dos museus criar métodos e mecanismos que permitam o levantamento e o acesso às informações das quais objetos são suportes, estabelecendo a intermediação institucionalizada entre o indivíduo e o acervo preservado. (CÂNDIDO, 2006: 34-35)

A direção do Museu junto com os estagiários do curso de Museologia da Universidade Federal de Pelotas, que deram continuidade as ações do Sistema de documentação implementado, percebendo a importância da intermediação entre o indivíduo e o acervo, vem criando métodos de rápido acesso a seu acervo como:

- Criação de pastas no banco de dados, separando os objetos por tipologias, como por exemplo: Cartas, Móveis, Tecidos, Fotografias. Essa fase ainda está em andamento, mas já possibilita uma maior visão do que o Museu possui de acervo sobre determinado assunto, podendo assim, melhor atender a demanda de pesquisadores sobre assuntos específicos ou planejar exposições temporárias, por exemplo.
- Criação de uma pasta física com o levantamento do acervo armazenado na reserva técnica com seu respectivo número de registro e localização.
- Criação de uma pasta física com o levantamento do acervo em exposição, com seu respectivo número de registro e localização.
- Listas anexadas aos armários com o levantamento do que se encontra em cada prateleira do respectivo armário.

Muitos museus não possuem um sistema de documentação bem desenvolvido, devido ao fato de direcionarem o trabalho para outras áreas mais visíveis como exposições ou ações educativas, deixando, em segundo plano, o trabalho menos visível como a documentação de suas coleções. No Museu da Baronesa, com o passar dos anos, esse trabalho vem sendo aperfeiçoado com a atuação de profissionais que fizeram parte do quadro de funcionários do Museu. Eles pensaram em ações desse tipo, bem como com a inserção de estagiários alunos dos cursos da Universidade Federal de Pelotas, como por exemplo, História e Museologia, que aumentam o corpo de funcionários do Museu, mesmo que por um curto período de tempo²⁷, fazendo com que as demandas do mesmo sejam supridas, e, principalmente, com a inserção do Projeto de Documentação, implantado em 2006, onde ocorreram as maiores transformações no que diz respeito à documentação dos objetos pertencentes ao acervo do Museu em questão.

²⁷ Durante o período de duração do curso, sendo que os alunos só podem estagiar a partir do segundo semestre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Considerando a temática principal deste trabalho que são os diferentes métodos de documentação museológica, exercidos no Museu da Baronesa, é possível dizer que todo o processo documental é de suma importância para o desenvolvimento das demais áreas de atuação museológica da instituição, bem como, conservação, expografia e pesquisa, pois, com uma documentação atualizada, é possível diagnosticar problemas e/ou proporcionar soluções.

No Museu da Baronesa, ainda, não existe um quadro estável de profissionais, dependendo sempre da vinculação de estagiários das universidades locais, para desenvolver os trabalhos específicos de atuação museológica. Devido a isto, existe o problema da não continuidade dos trabalhos, pois a cada contrato encerrado, as atividades museológicas acabam sendo interrompidas, correndo o risco do trabalho que estava sendo desenvolvido anteriormente ficar incompleto

Atualmente, o museu trabalha com os seguintes itens de documentação museológica: fichas catalográficas de seu acervo, livro de inventário, banco de dados com fotos digitais de sua coleção, número de registro nos objetos, levantamento dos objetos e sua respectiva localização tanto dentro da reserva técnica quanto da exposição, histórico das exposições nas quais os objetos participam e os registros de intervenções que os objetos sofreram durante a permanência no Museu. Entretanto, mesmo com esse conjunto de informações sobre o objeto, nas práticas cotidianas do museu, surgem dificuldades quanto às informações específicas das coleções, o que tornaria o processo de pesquisa mais prático e eficaz. Para isso, ainda é necessário a criação de catálogos digitais, onde se poderia realizar a pesquisa por diversos campos, ou grupos, proporcionando a busca por objetos de mesmo nome, tipologia, doador ou ano de doação, por exemplo.

Efetivamente, os métodos documentais que estão sendo usados no Museu da Baronesa atualmente, atendem às necessidades específicas da instituição, pois facilitam o acesso às informações básicas do acervo de forma mais rápida, o que antes precisaria de uma demanda maior de recursos humanos, para realizar esse tipo de busca de dados.

O método de documentação, utilizado anteriormente ao período de implantação do projeto - Qualificação da Documentação Museológica e Revitalização da Reserva Técnica do Museu da Baronesa - era muito empírico, e experimental. Pois não havia uma equipe

interdisciplinar fixa de trabalho e esses métodos não eram aplicados de acordo com os conhecimentos de documentação, baseados em estudos científicos, o que tornou o processo de documentação no Museu da Baronesa menos eficaz, comparado com os padrões atuais de documentação museológica.

O conceito de documentação museológica, aplicado no decorrer do trabalho serviu como forma de contrastar os diferentes métodos existentes no Museu da Baronesa, sendo que estes foram aplicados de formas distintas ao longo dos anos, como se percebeu pela análise de dados realizada. Através desta análise verificou-se que existia uma preocupação com o registro das informações referentes aos objetos, mesmo sem uma base de estudos científicos específicos desta área, que possibilitou assim, uma pesquisa mais aprofundada sobre o processo de documentação e sobre a trajetória dos objetos na instituição.

O Museu da Baronesa, através da aplicação desses métodos baseados na documentação museológica, serve como exemplo no desenvolvimento e na implementação da sistematização e da instrumentalização através da documentação de acervos museológicos. Perceber a importância dessa salvaguarda e desse resgate informacional é imprescindível a todo e qualquer tipo de acervo museal, afinal o museu que não possui uma documentação bem definida, conforme as suas necessidades específicas, perde essas informações e impossibilita qualquer tipo de busca ou troca de conhecimento através do objeto. Os objetos pertencentes ao museu também necessitam de um trabalho aprofundado de preservação informacional, e o Museu da Baronesa desenvolveu e aprimorou seus sistemas documentais, para que as informações se tornassem cada vez mais acessíveis ao visitante e ao pesquisador.

Anexo 1

Ficha impressa do programa DocMusa

Ficha de Inventário
MMPB

MUSEU DA BARONESA

Nº de Inventário: **MMPB 0001** Outros Números: **83.1.073** Nome do Objeto: **Mesa**

FECHAR (Voltar) Novo Registro Eliminar Registr

Dados de Identificação

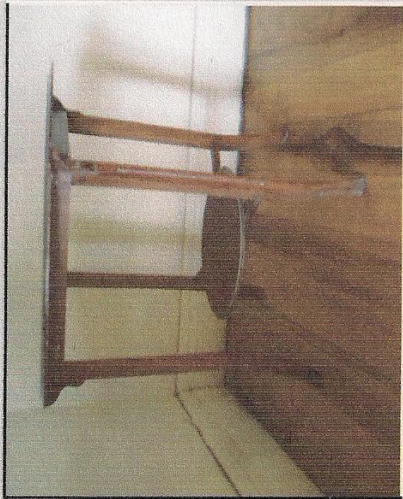
Coleção: **Família Antunes Maciel** Classe/Categoria: **Interiores/peça mobiliário** Nova

Modo de Aquisição: **Doação** Data de Aquisição: **1983**

Origem: **FAM** Doador: **FAM**

Material: **Madeira** Objectos Relacionados:

Fotografia

Referência (Fotografia): 

Autor:

Localização:

Referências:

Dimensões e Estado de Conservação

Comprimento: **78** cm

Largura: **49** cm

Altura: **78** cm

Espessura: **49** cm

Profundidade: **49** cm

Diâmetro: **49** cm

Estado de Conservação: **Bom**

Marcas /Inscrições

Localização

Situação: **Em Exibição**

Continuação da Ficha impressa do programa DocMusa

Actual?	Localização	se outro	Código:	Período ou Data	Observações
<input checked="" type="checkbox"/>	Vitrine	Sala 1			

Dados Descritivos

Histórico da Peça:

Época do estilo 1870 - 1910; Estilo Art Nouveau 1900 (século XX).

Histórico Exposição:

Descrição:

Mesa redonda de madeira com quatro pés e prateleira inferior redonda ligadas por suporte menor que o tampo.

Recomendações/
intervencções anteriores:

Bibliografia:

Referências
Bibliográficas:

Observações:

FONTES PRIMÁRIAS.

LEAL, N. P. M. **Diagnóstico da primeira visita ao Museu da Baronesa**, 2001

_____ **Museu da Baronesa: acordos e conflitos na construção da narrativa de um Museu Municipal 1982 a 2004**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de pós-graduação em História, UFRGS, Porto alegre. Orientadora: Maria Luíza.

_____ **Projeto de Qualificação da Documentação Museológica e Revitalização da Reserva Técnica do Museu Municipal Parque da Baronesa**. Relatório final, 2008

Projeto de Reorganização e Atualização do Livro Tombo do Museu Municipal Parque da Baronesa de 15 de maio de 1993;

Documentos com informações sobre a Família Antunes Maciel e o Museu da Baronesa;

Livros Tombo de números 1, 2, 3, 4, 5 e Livro de inventário I;

Levantamento de objetos do acervo do Museu da Baronesa dos anos de 1982, 1984, 1993 e 2009;

Fichas catalográficas dos objetos do Museu da Baronesa;

Diários de atividades de estagiários referentes aos anos de 2001, 2002, 2004, 2005, 2007, 2008, 2009 e 2010;

Banco de Dados Digital DocMusa;

Transcrição de Entrevistas Oral, com o Sr. Oswaldo Antunes Maciel realizada em 02/12/2009;

Entrevista com o ex-funcionário do Museu da Baronesa Sr. João Luis Vasques realizada no dia 06/05/2010;

Estatuto de Museus - Lei 11.904 de 14/01/09;

Site do museu: www.museudabaronesa.com.br. Acessado em 12/05/2010

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- BITTENCOURT, Gean Maria. **A missão francesa de 1816**. Museu de Armas Ferreira da Cunha. Petrópolis, 1967.
- CÂNDIDO, Maria Inez. “Documentação Museológica”. **Caderno de diretrizes museológicas**, 2ª edição. Rio de Janeiro, IPHAN, 2006, p.33-92.
- CARRERO, Francisco Javier Zubianr. **Curso de Museologia**. Ediciones Trea, SI, 2004
- CORRUCHAGA, José A. Lasheras. **Conocer, reconocer. Acceder, ceder**. Museo N°2, 1997.
- COSTA, Carlos Alberto Santos. **Proposta de instrumento documental museológico complementar para as coleções arqueológicas do MAE/UFBA**. Revista eletrônica Jovem Museologia – Estudo sobre Museus, Museologia e Patrimôni. Ano 02, n° 04, 2007.
- DELGADO, Antonio Limón. **La catalogación: las categorías científicas y su uso museológico**. Museo N°2, 1997.
- FERNÁNDEZ, Carmen Priego. **El sistema informático de los museos municipales de Madrid**. Museo N°2, 1997.
- FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: Teoria para uma boa prática. In: **Caderno de ensaios, nº2 Estudos de museologia**. Rio de Janeiro, Minc/Iphan, 1994 p. 64-73
- _____, BIANCHINI, Maria Helena S. **Thesaurus para Acervos Museológicos**. Rio de Janeiro: MINC/SPHAN/PróMemória, 1987. Vol. 2.
- HAZEN, DAN C. **Desenvolvimento, gerenciamento e preservação de coleções**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional / The Commission on Preservation & Access, 1997. (Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos)
- ICOM – Conselho Internacional de Museus, **Como Gerir um Museu: Manual Prático**, Maison de l’UNESCO. França, 2004.

JUEGA, Maria Isabel Bravo. **Documentación o investigación**. Museo N°2, 1997.

LEAL, N. P. M. **Documentação Museológica** (s.d.)

LORD, Barry e LORD, Gail Dexter. **Manual de Gestión de Museos**, Barcelona, 1998.

MAGALHÃES, Mário Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história da cidade de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: UFPel/Mundial, 1993.

_____. **Pelotas: toda a prosa**. Pelotas: Armazém Literário. 1º vol.: (1809-1871), 2000.

MIORIN, V. M. F, BARÉA, Neiva Marli Martins dos Santos. **O valor das regiões rurais da metade sul do Rio Grande do Sul, Brasil**, UFSM, 2009.

MORO, Fernanda de Camargo. **Museu: Aquisição e Documentação**. Livraria Eça Editora. Rio de Janeiro, 1986.

NASCIMENTO, Rosana. Cadernos de Sociomuseologia. Centro de Estudos de Sociomuseologia. **O objeto museal, sua historicidade: implicações na ação documental e na dimensão pedagógica do museu**, 1998.

NOVAES, Lourdes Rego. **Da organização do Patrimônio Museológico: Refletindo sobre a Documentação Museográfica**. In *Museologia Social*. Unidade Editorial, Porto Alegre, 2000: 43-65.

PÉREZ, Andrés Carretero. **La documentación en los museos: una visión general**. Museo N°2, 1997.

SAÍZ, Maria Concepción García. **La documentación en los museos: una para todos y todos para una**. Museo N°2, 1997.

SANTOS, Maria Célia T.M. **Repensando a ação cultural e educativa dos museus**. Centro Editorial e Didático da UFBA. 1993.

SANTOS, Fausto Henrique dos; colaboração Andréa Considera Rabello; apresentação Affonso Romano de Sant'Anna. **Metodologia Aplicada em Museus**. São Paulo:

Editora Mackenzie, 2000.

Tombamento e Participação Popular. Segunda edição, São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura/Departamento do Patrimônio Histórico, 2001